

Ler
é poder.

LIFESTYLE AND BUSINESS

FRONTLINE

Siga-nos no Facebook



CARLOS MINEIRO AIRES

“OS ENGENHEIROS
SÃO A ALAVANCA
DA ECONOMIA,
SÃO QUEM ALIMENTA
A ECONOMIA”

TURQUIA
GOLPE MILITAR

ULISSES MARREIROS
BELMOND LA RESIDENCIA

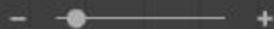
FRANCISCO VAZ PATTO
EMBAIXADOR DE PORTUGAL
NA TAILÂNDIA

BANGUECOQUE
UNIDADES HOTELEIRAS DE TOPO



PVP: €5

MAZDA MX-5 ROADSTER ICÓNICO



1/100





“QUEREMOS ESTAR AO LADO DO PODER POLÍTICO, QUEREMOS AJUDAR OS POLÍTICOS A DECIDIR MELHOR”

por Patrícia Vicente

Carlos Mineiro Aires é o atual bastonário da Ordem dos Engenheiros (OE). Ciente da qualidade do ensino da Engenharia em Portugal, afirmou, em entrevista à *FRONTLINE*, que temos “escolas de excelência”. Analisando a emigração de jovens engenheiros com positivismo, Mineiro Aires sublinha que estes profissionais, quando voltam, vêm “mais ricos em termos de conhecimentos e de aprendizagens”.

Empenhado em “adequar a OE aos novos tempos”, o bastonário ressalva que é necessário dar a entender aos jovens que “a Ordem é muito útil para os seus desígnios e para as suas ambições”.

Para Mineiro Aires, a OE não termina o seu papel no aconselhamento e apoio aos engenheiros, tendo também um papel de responsabilidade social “elevadíssimo”. Tal como afirma, “a Ordem gosta de aconselhar e de ser informada sobre o que se está a passar”, pretendendo ser também “um parceiro dos governos no sentido de ajudar a pensar e a fazer melhor”.



muitos anos. Infelizmente, este é um dos problemas do nosso país. E esta realidade não é válida apenas para as Obras Públicas. Não há planeamento, não há pacto de regime e as coisas navegam um pouco ao sabor dos ventos, consoante os partidos e as ideologias políticas que vão ocupando o Governo. Esta é uma das situações que nós espontaneamente como sendo algo bastante negativo.

Curiosamente, existem planos que estão a ser cumpridos. Um é o Plano Redviário, aprovado, salvo erro, em 1984. As pessoas queixam-se de que há autoestradas em demasia e duplicadas, mas a verdade é que está a ser cumprido um plano que foi aprovado. Se foi bem ou mal aprovado, já é outro assunto. Os planos mais ligados ao ambiente, nomeadamente o PENSAR – água e saneamento – ou o PERSU – dos resíduos sólidos e urbanos –, têm sido cumpridos à risca, agora há outros aspetos sobre os quais é necessário pensarmos um pouco mais. Devemos aprovar planos baseados em acordos e, periodicamente, avaliar se esses planos carecem de ajustamentos.

ESTE ANO VÃO CELEBRAR-SE OS 80 ANOS DA OE E ENTROU EM VIGOR UM NOVO ESTATUTO. O QUE MUDOU?

Os novos estatutos, no fundo, complicaram um pouco a vida às ordens, contrariamente ao que era suposto, uma vez que o objetivo era harmonizá-los, mas acabaram por ficar diferenciados uns dos outros.

No caso da OE, existem aspetos importantes. O primeiro, sem dúvida nenhuma, é o facto de termos passado para uma tutela administrativa, que neste caso é o ministro ligado às Obras Públicas, ou seja, das Infraestruturas e Planeamento, que tem de homologar alguns dos regulamentos da Ordem, coisa que antes não acontecia, uma vez que há um órgão soberano, que é a Assembleia de Representantes da OE. Esta alteração vai obrigar-nos a adequar e ajustar os regulamentos e depois levá-los à homologação da tutela.

Outra questão, que para mim é a mais grave, é o facto de não permitir à OE criar novos colégios de especialidade. A Ordem tem 12 colégios e nós explicámos, até à exaustão, que hoje não faz sentido não poder criar novos colégios, uma vez que o

mundo está em constante mudança, e em qualquer momento surgirão novas engenharias – a última que surgiu foi a Biomédica – e não temos onde alojar estes engenheiros, pois não existe nenhum colégio com a especificidade que eles merecem. Esta questão é muito grave, pois corta pela raiz a capacidade de a OE se poder organizar, de forma a poder acomodar os seus engenheiros e especialidades. De referir que o estatuto tem mais um ou outro aspeto que também não se justificaria, mas não é por isso que os engenheiros vão deixar de poder trabalhar, porque nós sempre tivemos engenho.

QUAIS FORAM OS PRINCIPAIS OBJETIVOS DA CRIAÇÃO DA PLATAFORMA DE MOBILIDADE?

Esta foi uma plataforma a que a Ordem aderiu e que é muito virtuosa. O que esteve subjacente à sua criação foi exatamente a necessidade de criar condições de comunicação, quer da oferta quer da procura de emprego, a nível global. Para que funcione da melhor forma, a plataforma tem de ser alimentada por parcerias internas e externas. No portal da OE também há uma página dedicada à empregabilidade que tem uma procura grande.

A OE é visitada por muitos países da Europa que vêm cá fazer recrutamento de engenheiros, sendo que o maior empregador dos portugueses é o Reino Unido, seguido de países como Dinamarca, Noruega, Alemanha e Bélgica.

EXISTE ALGUMA RAZÃO PARA SEREM ESSES OS PAÍSES QUE MAIS PORTUGUESES EMPREGAM?

São os países que mais precisam de engenheiros e os que mais conhecem o produto que querem, e não é por acaso que vêm a Portugal. Vêm buscar pessoas com competências e bem formadas, que têm uma linguagem comum.

Esperamos que este cenário não se altere, porque dá grandes oportunidades aos nossos jovens engenheiros, mas seria preferível que fosse uma decisão por opção.

QUAL PRETENDE QUE SEJA O SEU LEGADO?

Organização, modernização, a melhoria da situação atual da engenharia em Portugal, e a tranquilidade de quem fez o melhor em prol dos outros.

The advertisement for Sisley Eau du Soir perfume features a large, clear glass bottle with a faceted stopper. The bottle is set against a background of a woman's profile silhouette in shades of blue and white. The bottle label reads "EAU DU SOIR" in large white letters, with "eau de parfum" at the bottom. Below the bottle, the Sisley logo and "PARIS" are visible. The website "www.sisley-paris.com" is printed in the bottom right corner.



QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS PREOCUPAÇÕES E DIFICULDADES DO BASTONÁRIO?

“AS PRINCIPAIS PREOCUPAÇÕES QUE O BASTONÁRIO TEM FOCALIZAM-SE, SOBRETUDO, NA ADEQUAÇÃO DA OE AOS NOVOS TEMPOS”

três. Estes profissionais, neste contexto, e para estes países, não podem ser incluídos nos acordos internacionais que possamos estabelecer com organizações congêneres da OE. Não se trata de exclusão, mas de uma impossibilidade, pois teremos que acordar, com as partes envolvidas, as mesmas condições.

FORMAMOS BONS ENGENHEIROS PARA OS TERMOS AO SERVIÇO EM PORTUGAL OU, PELO CONTRÁRIO, FORMAMOS BONS ENGENHEIROS PARA OS “EXPORTARMOS”?

Para as duas coisas. Estamos a formar bons engenheiros para Portugal, mas também estamos a preparar bons engenheiros que vão para fora e que levam uma boa imagem do país e ajudam a criar o bom nome de Portugal no exterior. Estamos também a formar pessoas que têm outra disponibilidade para sair, mas que podem voltar e, quando tal acontecer, regressarão mais ricos em termos de conhecimentos e de aprendizagens.

O NOSSO PAÍS OFERECE BOAS CONDIÇÕES AOS ENGENHEIROS QUE SE FORMAM?

Oferecemos as condições suficientes. Não podemos esquecer que Portugal ainda não saiu da crise em que mergulhou. Permanecemos com uma economia profundamente débil, incipiente até, em termos mundiais, e ou damos a volta por cima, ou vamos continuar a ser um protetorado da União Europeia ou do Fundo Monetário Internacional e passamos a vida a recorrer a financiamentos externos para equilibrar a nossa balança. É óbvio que, neste contexto, se queremos mudar a economia, se queremos tornar

-nos produtores de bens e serviços com valor e transacionáveis, só há uma forma de o fazer: é com engenharia, com inovação, com empreendedorismo, com investigação e, claro, fazendo a ponte com as novas tecnologias.

QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS PREOCUPAÇÕES E DIFICULDADES DO BASTONÁRIO?

As principais preocupações que o bastonário tem focalizam-se, sobretudo, na adequação da OE aos novos tempos. Temos que saber atrair os jovens, uma vez que existe uma baixa adesão e participação de membros jovens. É preciso danhá-los a entender que a Ordem é muito útil para os seus designs e para as suas ambições. Contudo, há também que envolver os nossos membros – espelho desta realidade é a fraca participação nas eleições.

A OE tem de ser cada vez mais apelativa. Somos uma Ordem com muita atividade e com uma forte vocação para a formação contínua e para os jovens. Somos uma Ordem aberta à sociedade, e é nesta perspetiva que sentimos necessidade de mudar, de mostrar à comunidade da imprescindibilidade da profissão de engenheiro, pois pode ajudar a mudar o país.

Todas as manhãs – quando nos levantamos, abrimos as janelas e dispomos de água e luz – não nos lembramos de que isto só é possível graças à engenharia. Desenvolvemos a nossa atividade na sombra, e talvez por isso passamos tão despercebidos, mas é necessário enaltecer a importância que nós, engenheiros, temos no quotidiano, na sociedade e na economia.

NESTE MANDATO, QUE INICIATIVAS SE PROPÕE CUMPRIR?

Temos um vasto programa eleitoral, bastante ambicioso, focado basicamente na profissão. Somos uma associação profissional com várias preocupações na profissão. A questão da internacionalização não é, necessariamente, uma fatalidade, até pode ser um ponto forte, mas necessitamos estabelecer uma rede de ligação e uma rede de intercomunicação com os nossos membros que estão lá fora, para criar presença, isto por um lado. Por outro, aumentar a participação dos jovens e dos nossos membros. Devemos ainda aumentar a exposição da OE e a visibilidade da mesma perante a sociedade, mas para isso precisamos que o poder político reconheça a importância que os engenheiros têm e que podem ter.

A OE não é reivindicativa, não tem uma postura sindicalista, estamos cá para ajudar a pensar melhor, a decidir melhor, a resolver os assuntos. Queremos estar ao lado do poder político, queremos ajudar os políticos a decidir melhor, mas também esperamos que nos tratem com o respeito que ultimamente não tem existido, em alguns aspetos.

AFIRMOU QUE O SEU PRINCIPAL OBJETIVO ERA “CONTRIBUIR PARA O DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO DO PAÍS”. DE QUE FORMA ESTÁ A PENSAR CONCRETIZAR ESTE PROPÓSITO?

A contribuição que um bastonário pode dar nesse aspeto é modesta. Agora, enquanto representante de mais de 47 mil engenheiros, que se encontram inscritos na OE, e mais do dobro de profissionais de enge-





COMO ANALISA O ATUAL ESTADO DO ENSINO DA ENGENHARIA NO NOSSO PAÍS E DA PRÓPRIA PROFISSÃO?

“O ENSINO DA ENGENHARIA NO NOSSO PAÍS É EXCELENTE, AO CONTRÁRIO DO QUE MUITAS PESSOAS QUEREM FAZER CRER. ACHO QUE TEMOS ESCOLAS DE EXCELÊNCIA, CURIOSAMENTE ALGUMAS DELAS DESCONHECIDAS”

COMO ANALISA O ATUAL ESTADO DO ENSINO DA ENGENHARIA NO NOSSO PAÍS E DA PRÓPRIA PROFISSÃO?

O ensino da Engenharia no nosso país é excelente, ao contrário do que muitas pessoas querem fazer crer. Acho que temos escolas de excelência, curiosamente algumas delas desconhecidas – refiro-me a politécnicos –, que ensinam áreas diferentes das restantes e com grande qualidade. No que respeita ao ensino da Engenharia, não devemos ter grandes preocupações. Aliás, vejo com preocupação algumas opiniões que sugerem que se deve ajustar o ensino à procura.

Se um país decide desinvestir na Educação, então algo não estará bem. Haverá áreas em que se poderá pensar assim, mas, na área da Engenharia, desinvestir na educação e na formação do engenheiro é completamente absurdo e impensável.

Os engenheiros são a alavanca da economia, são quem alimenta a economia. No futuro, prevejo que haja uma recuperação da nossa economia e uma revitalização da mesma, e obviamente que os engenheiros terão aí um papel fundamental.

Quanto à empregabilidade, há efetivamente uma especialidade que foi particularmente afetada com a crise, porque estava habituada a um paradigma de emprego que era plano, falo da Engenharia Civil. Foi necessário fazer

a adaptação a uma situação nova e muitas pessoas foram obrigadas a ir para fora. Hoje, estão um pouco por todo o mundo, à semelhança do que está a acontecer com engenheiros de outras áreas.

Não podemos esquecer que para nós era vulgar encontrar um austríaco, um alemão, um holandês, um francês, um irlandês, etc., em qualquer parte do mundo, era normal encontrarmos pessoas de várias nacionalidades, contudo, portugueses não havia. Agora também nós já estamos pelo mundo fora, como outros também já estavam. E, curiosamente, com uma capacidade de adaptação e com uma aceitação invulgares. Excluindo a Engenharia Civil, nas outras especialidades, em geral, não há problemas de emprego em Portugal. Muitas há, inclusive, em que os níveis de empregabilidade são de 100%.

NA SUA OPINIÃO, OS ENGENHEIROS FICAM PREPARADOS PARA O EXERCÍCIO DA PROFISSÃO COM TRÊS ANOS DE FORMAÇÃO, CONFORME O PROCESSO DE BOLONHA?

Obviamente que uma pessoa com três anos de formação não pode ter a mesma qualificação que alguém com cinco anos. É um paradigma novo e temos de nos saber adaptar a ele. Aliás, a UE passou também a admitir os licenciados com três anos, a par

dos mestres, isto porque, antigamente, só admitia os licenciados com cinco anos, pré-Bolonha. Bolonha introduziu alterações várias ao nível das formações académicas e a Ordem dos Engenheiros teve, obviamente, que se adaptar à realidade portuguesa e europeia, até porque estes licenciados têm direito a entrar na vida profissional tal como os outros. Terá de haver uma formação complementar, ao longo da vida, para que possam adquirir mais conhecimentos. Desde que tenham uma base sólida, poderão, na minha opinião, evoluir e progredir em termos de conhecimento na área da Engenharia. Aliás, é propósito da Ordem incentivá-los a prosseguir os seus estudos académicos, de modo a poderem ambicionar aceder a níveis mais elevados de qualificações profissionais.

SABEMOS QUE, NOS ACORDOS INTERNACIONAIS FIRMADOS, SÓ SÃO ADMITIDOS ENGENHEIROS COM CINCO ANOS DE FORMAÇÃO... COMO RESPONDEM A ESTA IMPOSIÇÃO?

Há uma razão evidente: nos países em que não existe processo de Bolonha, a formação superior em Engenharia é de quatro ou cinco anos. Logo, não poderemos pedir reciprocidade para formações que em Portugal registam apenas